



XXII Congreso Internacional de Análisis y Estudios Organizacionales (XXII CIAO)
Encuentro de comunidades de Estudios Organizacionales:
avanzar en el diálogo México-Brasil y ampliar el conocimiento de la realidad latinoamericana
Formato híbrido, del 2 al 6 de septiembre de 2024, Porto Alegre, Río Grande del Sur, Brasil

COSTURANDO VIVÊNCIAS: A ESCREVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO COMO OPERADOR TEÓRICO-METODOLÓGICO NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

DIMENSÕES EPISTEMOLÓGICAS E METODOLÓGICAS PARA A ANÁLISE E OS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

Resultado de pesquisa

Fernanda de Aguiar Zanola¹
ORCID: 0000-0002-3933-4185
Brasileira

Correo Electrónico: fernanda18az@gmail.com
Universidade Federal de Lavras
Programa de Pós-graduação em Administração (PPGA/UFLA)
Campus Universitario, Caixa Postal 3037
Lavras, MG, Brasil
Código Postal: 37200-000

Mônica Carvalho Alves Cappelle
ORCID: 0000-0002-0095-3405
Brasileira
Correo Electrónico: edmo@ufla.br
Universidade Federal de Lavras
Programa de Pós-graduação em Administração (PPGA/UFLA)
Campus Universitario, Caixa Postal 3037
Lavras, MG, Brasil
Código Postal: 37200-000

¹ Autora responsable de la comunicación

COSTURANDO VIVÊNCIAS: A ESCRIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO COMO OPERADOR TEÓRICO-METODOLÓGICO NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

Resumo

O artigo aborda o operador teórico-metodológico da Escrivência, proposta por Conceição Evaristo, como uma abordagem para os estudos organizacionais. A Escrivência, que combina os conceitos de "escrever" e "viver", foi utilizada em estudo prévio para compreender as trajetórias de carreira de mulheres negras em uma cidade do sul de Minas Gerais. Para tanto, neste momento, compartilho e discuto a trajetória metodológica desenvolvida. Ademais, destaco no texto a importância de valorizar memórias e histórias de vida, destacando a resistência epistêmica e a criação de narrativas que refletem as experiências pessoais e coletivas dessas mulheres. Ademais, busco caminhos práticos para desafiar as normas acadêmicas eurocêntricas e cisheteropatriarcais promovendo uma abordagem inclusiva que reconhece as interseções de raça, gênero e classe. A Escrivência é vista como uma prática literária e acadêmica que conecta conhecimentos com tradições culturais afro-brasileiras, oferecendo uma perspectiva crítica e emancipatória. O artigo também aborda os enfrentamentos e potencialidades atrelados ao conceito, destacando sua contribuição para a construção de uma academia mais inclusiva e justa. O estudo conclui destacando a necessidade de uma abordagem interseccional e de justiça social na pesquisa acadêmica, promovendo uma maior inclusão de vozes marginalizadas que contribuem para uma compreensão mais ampla das realidades sociais, culturais e econômicas que interagem com contextos organizacionais.

Palavras-chave: Escrivência; método; feminismo negro.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é compartilhar e discutir a trajetória metodológica desenvolvida na minha tese de doutorado, intitulada, que incorporou as Escrevivências aos estudos com o intuito de compreender as trajetórias de carreira de mulheres negras em uma cidade do sul de Minas Gerais. Para atingir esse objetivo, coloquei em prática o operador teórico-metodológico, utilizando minhas memórias do processo de construção e desenvolvimento da tese para substanciar debates e promover a divulgação científica no campo.

Nesse movimento, busco compreender meios para contribuir com para a produção de conhecimento que valorize as vozes historicamente marginalizadas e promova a inclusão e a diversidade no campo acadêmico. Para isso, incorporo ao campo a Escrevivência, de Conceição Evaristo, que emerge da combinação das palavras "escrever" e "viver," como um operador teórico-metodológico que se distancia da tradicional abordagem acadêmica eurocêntrica. A autora da prática afrocentrada de tecer memórias vivas foi desenvolvida por uma das vozes mais importantes da literatura afro-brasileira. Evaristo (2020) propõe esse conceito como uma forma de resistência epistêmica, utilizando a escrita como meio de narrar experiências pessoais e coletivas de mulheres negras. A Escrevivência não apenas registra memórias, mas também as resignifica, destacando a importância de uma narrativa que respeita as subjetividades e a singularidade das vivências de cada indivíduo.

No contexto dos estudos organizacionais, a aplicação da Escrevivência representa uma ruptura com métodos circunscritos em práticas cisheteropatriarcais e produz uma abordagem metodológica significativa. Seguindo a minha prática com o conceito nesse estudo e em Zanola (2023) compreendo que sua análise mais profunda e contextualizada das dinâmicas de poder presentes nas organizações, revela como as estruturas de

opressão e supressão que perpetuam desigualdades e excluem certas vozes. Por esse prisma, a Escrivivência oferece uma perspectiva crítica que desafia as noções tradicionais de neutralidade e objetividade na pesquisa científica, propondo uma abordagem que valoriza a experiência vivida como uma forma legítima de conhecimento.

A adoção da Escrivivência como prática no campo apresenta tanto enfrentamentos e oportunidades. Por um lado, desafia as normas estabelecidas de produção acadêmica, questionando a hegemonia do pensamento eurocêntrico e elitista. Por outro lado, abre espaço para uma diversidade de narrativas que enriquecem o campo dos estudos organizacionais, permitindo uma compreensão mais ampla e inclusiva das experiências humanas. Para tanto, é vital exaltar a memória e a oralidade negra. Propondo, assim, propõe uma nova forma de fazer ciência, alinhada às realidades plurais e multifacetadas das populações historicamente marginalizadas.

Através desse olhar, o arcabouço teórico é enraíza-se nas epistemologias feministas negras e interseccionais, que oferecem ferramentas conceituais para entender como diferentes sistemas de opressão se interseccionam e impactam as vidas dessas mulheres. No contexto deste estudo, as histórias de vida das mulheres negras são registradas e analisadas, não apenas como dados, mas como manifestações de resistência contra a opressão. Através da narrativa, mulheres negras expressam suas vivências e refletem sobre suas experiências, contribuindo para a construção de uma história coletiva que desafia narrativas hegemônicas.

Além de sua contribuição para os estudos organizacionais, este artigo também dialoga com a literatura afro-brasileira, particularmente com os escritos de Conceição Evaristo e outras autoras que utilizam a escrita como forma de resistência. Esse movimento reforça a Escrivivência, enquanto prática literária e acadêmica, serve como uma ponte entre o conhecimento acadêmico e as tradições culturais afro-brasileiras,

promovendo uma compreensão mais holística e inclusiva das experiências negras no Brasil.

Este estudo pretende não apenas enriquecer o campo dos estudos organizacionais, mas também promover mudanças sociais e acadêmicas. Ao destacar as experiências de mulheres negras, o artigo busca desafiar as estruturas de poder que perpetuam desigualdades e promover uma academia mais inclusiva. Acredita-se que a *Escrevivência* possa inspirar outras pesquisas que valorizem as vozes marginalizadas e promovam a justiça social e a equidade.

Para isso, está estruturado em seções que detalham o processo de pesquisa, a metodologia, os resultados e as conclusões. Inicialmente, são apresentados os fundamentos teóricos e metodológicos da *Escrevivência*. Em seguida, descrevem-se as opções adotadas para a sua prática e minha experiência no campo com o estudo das trajetórias de carreira das mulheres negras. Por fim, são discutidas as implicações dos resultados para os estudos organizacionais e propostas sugestões para pesquisas futuras, com foco na promoção de uma ciência mais inclusiva e diversa.

2. *Escrevivência*: narrando a existência através da escrita

A *Escrevivência* é um operador teórico-metodológico fundado pela autora brasileira Conceição Evaristo, uma mulher negra e mineira, professora e importante pensadora contemporânea. Meu conhecimento sobre esse conceito se deu através da leitura de "*Olhos D'água*", nessa produção literária a autora inspirou reflexões pessoais sobre minha realidade, os indivíduos ao meu redor e a estrutura que molda a imagem das pessoas negras na sociedade brasileira. Através da ficcionalização da realidade, destaca o protagonismo do eu-feminino-negro, abordando a complexidade que se manifesta nos contextos políticos, sociais, culturais e históricos (Nunes, 2020).

Conceição Evaristo utiliza a figura da Mãe Preta, uma mulher escravizada que cuidava dos filhos dos senhores na casa-grande, como símbolo representante do conceito. Essa mulher, parte da historicidade nacional, não tinha a intenção de adormecer a consciência dos futuros senhores, mas de "acordá-los de seus sons injustos" (EVARISTO, 2020, p. 30). Nesse contexto, a Escrivivência resgata a prática própria da ancestralidade feminina negra que produz resistência epistêmica através da fala, escrita, cheiros, sons e expressões diversas que combatem opressões em estruturas múltiplas (Felisberto et al., 2020).

Portanto, esse operador teórico revisita memórias e revela estudos biográficos, a partir de um diálogo transacional, que enfatiza produções localizadas nos saberes das mulheres negras. Dessa forma, reflete conhecimentos ligados à memória, à oralidade, a histórias e a trajetórias fundadas em um fenômeno diaspórico representado pela figura da Mãe Preta. Utilizando-o como prática na pesquisa científica exerce uma autonomia literária, lexical e paradigmática, refletindo demandas específicas do povo negro (Evaristo, 2020).

Morfologicamente, combina os termos "escrever" e "viver", produzindo uma perspectiva teórica e metodológica que engloba as vivências e experiências alinhadas a identidades multifacetadas (Fonseca, 2020). Ademais, dissemina saberes em busca de legitimidade, liberdade e um sentimento de pertencimento que rompe estruturas fundadas no racismo (Muzanenhano & Chowdhury, 2023). Para isso, alinha-se corpo, condição e experiência para compreender as manifestações presentes na realidade da negritude, considerando as interseccionalidades próprias das realidades expressas (Fonseca, 2020), essas interações estão sintetizadas na tabela 1.

Tabela 1. Síntese da prática escrevvente

Aspecto	Descrição
---------	-----------

Fundadora	Conceição Evaristo, escritora e professora brasileira
Origem	Brasil, inspirada nas vivências de mulheres negras
Conceito Central	Escrevivência: combinação de 'escrever' e 'viver'
Símbolos Representativos	Figura da Mãe Preta e ancestralidade feminina negra
Objetivo	Refletir memórias e histórias das mulheres negras
Crítica às Estruturas	Crítica ao feminismo liberal e hegemonia ocidental
Contribuição para a Pesquisa	Promover justiça social e amplificar vozes marginalizadas

Fonte: Da Autora (2024)

Destaco que para Evaristo (2020), quando uma escritora afro-brasileira cria uma personagem negra, essa construção é fundamentada na experiência vivida. Portanto, ao escrever, vive-se. O ato de produzir informações sobre um contexto não se limita apenas a descrições de características recorrentes de um corpo, mas na reflexão da memória coletiva e pessoal, marcada pelas experiências de opressão e resistência compartilhadas por uma comunidade. Logo, carregam uma memória histórica, como descendentes de mulheres que passaram por experiências semelhantes desde a escravização, e ressalta o lugar social permeado por lembranças que motivam ações e palavras (Evaristo, 2020).

Vale destacar que, no contexto nacional, desafia a hegemonia do feminismo liberal, essencialmente branco e ocidental nas pesquisas e práticas acadêmicas. Promove a integração de especificidades raciais, étnicas, religiosas e de classe social, além de reafirmar a necessidade de superar visões limitadas sobre a identidade dos sujeitos (Felisberto et al., 2020). Assim, entendo esse operador teórico-metodológico como uma práxis que possibilita "ser mulher sem ser apenas mulher (...) tornar-se um ser humano pleno e cheio de possibilidades e oportunidades para além de sua condição de raça e gênero" (CARNEIRO, 2003, p. 5).

3. Entre linhas e lutas: posicionamentos da epistemologia feminista negra interseccional

Essa metodologia se concretizou nos estudos organizacionais através do pensamento feminista negro interseccional. Segundo Mccall (2005), adotar essa epistemologia como cerne rompe com a desconexão entre teoria e realidade, superando visões circunscritas no Norte global. Estimula diálogos entre várias perspectivas para garantir uma variedade de pensamentos na análise, investigação e prática (Collins, 2022). Conseqüentemente, permite superar limites disciplinares decorrentes do uso unilateral de perspectivas (Mehrotra, 2010). A síntese dos aspectos implícitos e explícitos na prática metodológica pode ser observado na tabela 2.

Tabela 2. Base Epistemológica: Feminismo negro interseccional.

Aspecto	Descrição
Diálogo e diversidade	Estímulo ao diálogo entre várias perspectivas; protagonismo das mulheres negras. Urgência de um diálogo horizontal e empático que produza teorização.
Redirecionamento do conhecimento	Supera a ideia de indivíduos descontextualizados; crítica à produção de conhecimento restrita que refletem e valorizam ações científicas feitas por e para seres universais. Ademais, resiste à colonização e ao sistema patriarcal.
Conceitos centrais	Espaço, tempo, dinâmicas sociais e nuances afetivas das situações. Diferentes cosmovisões, símbolos, experiências, performances e textualidades são centrais na pesquisa, evitando verdades absolutas e totalizantes.
Transformação cognitiva	Redefine linguagem, referências e conhecimento, tornando-os afrocentrados.
Engajamento ativo	Transformação do ponto de vista do sujeito; engajamento e autotransformação.
Resistência e transformação	Mudança de paradigmas; aprendizado para falar, ouvir e escutar de uma nova maneira.
Valorização do contexto	Reflexão sobre como adquirimos conhecimento, distinção entre o verdadeiro e o falso.
Envolvimento emocional	Valorização do envolvimento emocional e subjetividade como aliados na análise
Desafios	Evitar generalizações e aplicação indiscriminada em diferentes contextos

Fonte: Da Autora (2024)

Assim, favorece entendimentos sobre complexidades e desigualdades interligadas (McCall, 2005; Mehrotra, 2010). Possibilita uma compreensão mais profunda da importância histórica de romper com barreiras que frequentemente limitam visões de

sujeitos, muitas vezes, negligenciados no debate científico. Portanto, redireciona uma abordagem reivindicatória através da arquitetura cognitiva do corpo científico, promovendo, por meio da prática e do ativismo, uma transformação na linguagem, nas referências e no conhecimento produzido, tornando-os afrocentrados (Figueiredo, 2020).

Em minha prática, reconheci inicialmente meu papel como pesquisadora, assim como o das outras mulheres negras envolvidas no estudo, tornando-nos sujeitas de pesquisa. bell hooks (2014) argumenta que, nesse movimento, as mulheres negras expressam a necessidade de falar. Dessa forma, o ponto de vista do sujeito se transforma em uma forma de engajamento e autotransformação ativa. Manifesta, portanto, um rito de passagem, convertendo aquelas que antes eram consideradas objetos em sujeitos integrantes da pesquisa.

O esforço é evitar a distinção e formulação de perspectivas apenas para objetos, seres definidos e interpretados por outros. Portanto, levei em consideração o que hooks (2014) expõe sobre a necessidade de uma luta constante para acabar com a dominação. Na minha prática, a resistência à colonização e ao sistema patriarcal presentes na pesquisa tornaram premissas para estabelecer uma voz libertadora. Contudo, ultrapassou a simples oposição e se fundamentou na resistência, exigindo uma mudança de paradigmas que implicaram na capacidade de aprender a falar, ouvir e escutar de uma nova maneira (Hooks, 2014). A Escrivência facilitou esse engajamento, pois possibilita a fala e o pensamento livre, sem a imposição do status de objeto ou indivíduo oprimido (Fonseca, 2020).

Por esse prisma, rejeito a ideia de indivíduos descontextualizados que não interagem coletivamente em sua constituição. Trata-se de uma crítica à produção de conhecimento baseada em perspectivas restritas, que refletem e valorizam ações científicas feitas por e para seres universais. De maneira geral, abandono a noção de um indivíduo

cartesiano, que pensa e age por si próprio. Em vez disso, abro espaço para refletir sobre como adquirimos conhecimento, distinguimos entre o verdadeiro e o falso, estabelecemos critérios para validar outras informações e justificamos nossas crenças. Assim, essa leitura se torna uma empreitada possível para sujeitos encarnados, situados em lugares e tempos específicos, orientados pelos contextos aos quais estão conectados (Longino, 2017).

Nesse contexto, as vivências são mediadas por elementos como espaço, tempo, dinâmicas sociais e nuances afetivas das situações. Esses fatores interconectados provocam uma ruptura com o objetivismo institucionalizado, frequentemente moldado por uma visão masculina predominante na ciência (Longino, 2017). Assim, o envolvimento emocional na pesquisa não é considerado uma falha científica; pelo contrário, ele é mediado pela subjetividade individual e se torna um aliado na análise contextual e social dos fenômenos. Dessa forma, destaca-se no método o contexto mais amplo, que é moldado tanto pelas crenças e inferências individuais quanto por visões coletivas em uma comunidade (Longino, 2017).

Desse modo, as Escrivências permitem uma encruzilhada onde diferentes cosmovisões, símbolos, experiências, performances e textualidades são centrais na pesquisa, evitando verdades absolutas e totalizantes (MARTINS, 2000). Elas promovem a reivindicação de pontos de vista únicos, frequentemente excluídos dos debates científicos, democratizando o processo de construção do conhecimento e incentivando relações dialógicas em diferentes comunidades interpretativas (Collins, 2022).

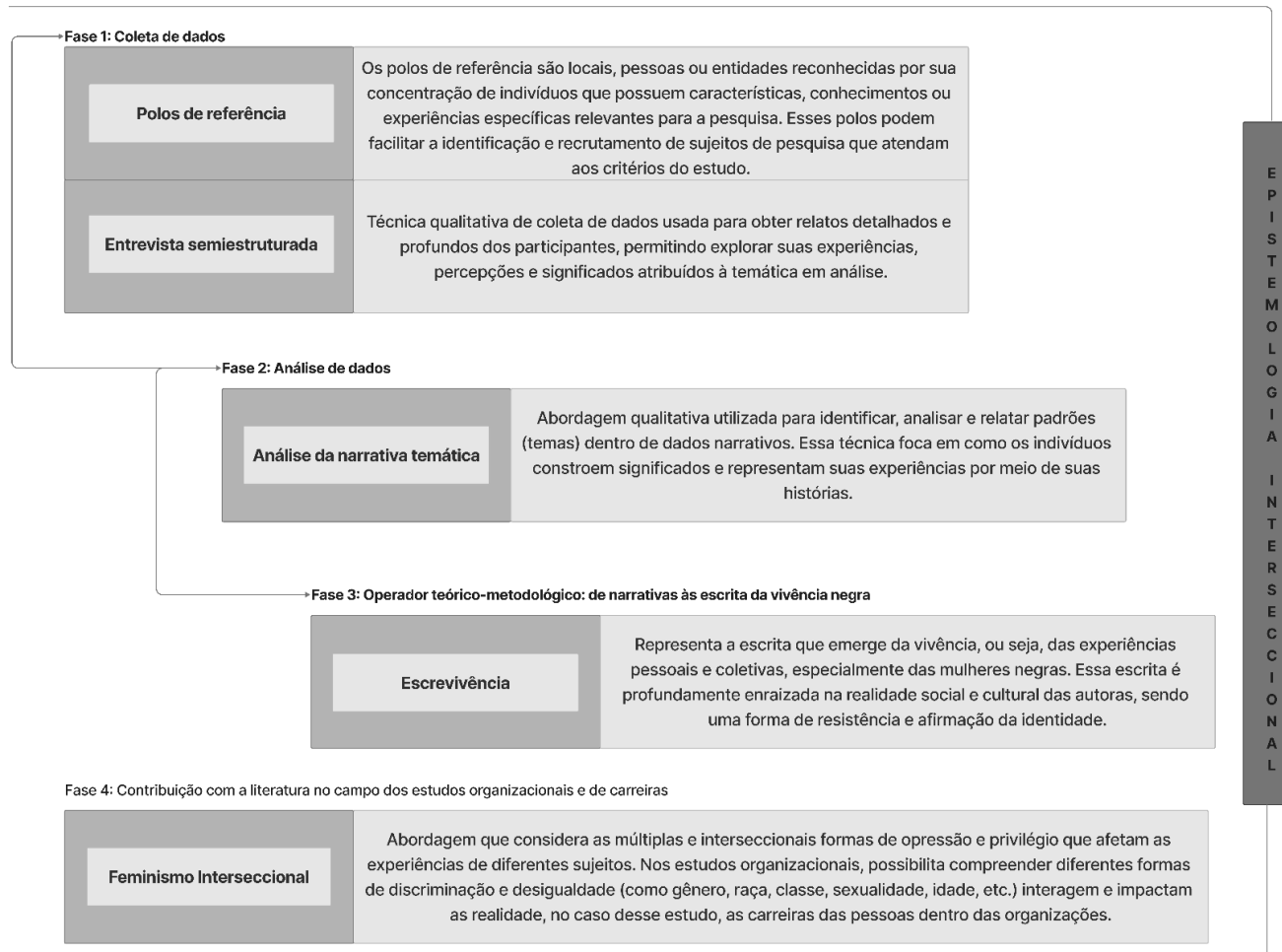
As práticas que fundamentaram meu estudo se fundam na urgência de um diálogo horizontal e empático que produza teorização (Figueiredo, 2020). Baseando-me nas indicações de Akotirene (2019), busquei escrever e viver a pesquisa científica como um desafio político que rejeita “expectativas literárias elitistas, jargões acadêmicos, escrita

complexa em terceira pessoa e abstrações científicas paradoxais sob a sombra elitista eurocêntrica” (Akotirene, 2019, p. 19). Inspirando-me em Carneiro (2015), reafirmo o protagonismo de mulheres negras como força motriz para reposicionamentos do feminismo no Brasil, cujas práxis se baseiam em uma conduta axiológica própria.

4. Passos e rastros: colocando a Escrevivência em prática nos estudos organizacionais

Para iniciar essa seção ressalto um posicionamento similar ao fundado em Zanola (2023). Esse estudo não foi elaborado para definir prescrições ou etapas rígidas para a "aplicação" desse operador teórico e metodológico. Em vez disso, utilizo este espaço como uma oportunidade para divulgar, discutir e ampliar a prática feminista negra interseccional nos Estudos Organizacionais, além de promover o pensamento de Conceição Evaristo nesse campo. Os direcionamentos e orientações que viabilizaram o estudo estão sintetizados na Figura 2 inspirada no estudo de Guimarães Reynaldo *et al.* (2023).

Figura 2 – Etapas de desenvolvimento do estudo.



Fonte: Da Autora (2024).

Seguindo esse direcionamento, primeiramente, utilizei uma abordagem qualitativa para colocar em prática o processo de construção das Escrivivências no campo. Essa abordagem destaca os processos sociais, as relações interpessoais, as perspectivas dos participantes e as influências culturais que afetam o tema de estudo (Minayo, 1989). Mais ainda, em minha visão e apoiada por Minayo (1989), diferente de outras abordagens, permitindo uma aproximação entre o pesquisador e os pesquisados.

Nesse prisma, viabiliza o (re)conhecimento de narrativas pessoais formadas na articulação da experiência individual e coletiva com os mundos sociais, políticos e culturais (Errante, 2000). Trata-se de uma abordagem flexível que revela fatores sociais, históricos, políticos e econômicos (Sayre, 2004), além de favorecer a compreensão de simbologias ricas para o campo, proporcionando uma teorização explicativa e detalhada (Faems et al., 2016; Harley & Faems, 2017). Diante disso, observa as experiências, possibilita compreensões profundas dos comportamentos, atitudes e valores das em contextos organizacionais (Bluhm et al., 2011; Von Kohorn et al., 2012).

Atrelado a esse direcionamento preliminar e com intuito de conhecer diferentes narrativas presentes no contexto que se fundamentou a pesquisa (uma cidade do Sul de Minas Gerais), coloquei em prática entrevistas narrativas semiestruturadas em profundidade. Essa abordagem é crítica ao esquema pergunta-resposta fundamentado na maioria das técnicas de entrevistas. Em contrapartida, enfatiza o sentido autogerador de compreensões formuladas a partir de uma tessitura detalhada de fatos e experiências (Bauer & Gaskell, 2015). Em minha vivência no campo, utilizar essa técnica favoreceu o conhecimento de falas, expectativas, pensamentos e

posicionamentos próprios das entrevistadas que forneceram informações de acordo com sua perspectiva de mundo, revelando experiências, expectativas e observações contextualmente fundadas.

Para operacionalizá-la levei em consideração a proposta de Baur e Gaskell (2015). Para os autores, devido à liberdade narrativa dada aos participantes, a técnica prevê mínima interferência – sendo a pesquisadora vetor para elevar as falas a uma comunicação cotidiana (Bauer & Gaskell, 2015). Ademais, contrasta diferentes perspectivas e entende a linguagem como não neutra, construída a partir de uma cosmovisão particular. Por isso, o que é externado pelos narradores deve ser compreendido como informação pura e concreta ao tema. Por esse prisma, evita-se qualquer imposição ou forma de linguagem distante da empregada pelo informante. Para adquirir essa maturidade, o pesquisador necessita criar familiaridade com o campo de estudo e entendimento sobre as possíveis distorções produzidas, consideradas parte de um mundo de fatos (Bauer & Gaskell, 2015).

Nesse contexto, as sugestões de Bauer e Gaskell (2015) ressoam como um alerta para evitar a abordagem estrita de impor perguntas. Tal escolha é justificada pelo fato de que essa estratégia pode criar barreiras e prejudicar os objetivos da pesquisa. Além disso, levanta a questão da intenção colonial subjacente que reforça perspectivas pessoais a partir de respostas esperadas das participantes. Conseqüentemente, a abordagem se concentra em ampliar o relato, em vez de fragmentá-lo, abarcando uma variedade de propósitos, como lembrar, argumentar, justificar, persuadir, envolver, entreter e até mesmo desafiar a audiência (Riessman & Quinney, 2005).

Reforçando a base epistêmica da tese, relembro que muitas vezes, essas narrativas são evidenciadas na pesquisa científica apenas quando se fundamentam

a partir da letra, da escrita e estão centradas no alcance da visão. Na pesquisa acadêmica tradicional, branca, capacitista e de elite, são regularmente ignoradas as histórias individuais, sociais e biográficas que também se inscrevem na voz, ação e no corpo (Martins, 2003). Em vista disso, na pesquisa desenvolvida as narrativas são criadas e (re)criadas pelas memórias, seus repertórios orais e corporais, hábitos, cuja compreensão se dá pela preservação dos saberes. Adotar essa perspectiva parte do estímulo ao alcance da paridade daqueles que foram plenamente excluídos e subordinados, buscando reimaginar o conhecimento estabelecido e a ordem das coisas (Martins, 2003).

Para encontrá-las, defini o que eu chamo de polos de referência. Na pesquisa desenvolvida, foram quatro principais: pessoas do meu ciclo social; mulheres indicadas por agentes da prefeitura da cidade; sujeitas que responderam positivamente ao convite para participar da entrevista; e aquelas indicadas previamente pelas participantes iniciais. Em consequência, foi configurado um sistema de referência em cadeia, assemelhando-se a uma bola de neve. Esta é uma técnica de amostragem não probabilística amplamente empregada em pesquisas, para alcançar populações desafiadoras ou grupos ocultos (Kendall et al., 2008).

Nesse processo, o discernimento pessoal no campo desempenha um papel crucial ao identificar fontes de informação dentro da população, a partir das quais se formam cadeias de significado para construir a fundamentação do debate. Importante ressaltar que a escolha das participantes ocorreu por conveniência, com o juízo pessoal sendo aplicado para selecionar falantes que constituam ricas fontes de informação para os propósitos do estudo (Freitag, 2018). A exaustão da técnica ocorreu quando o processo de indicação de novas participantes não resultou em novas informações, ou seja, quando as recomendações começaram a se repetir e

não apareceram novos sujeitos que atendam aos critérios da pesquisa. Este ponto é conhecido como saturação, e indica que a rede de participantes alcançou um nível de abrangência suficiente para atender aos objetivos do estudos (Freitag, 2018; Kendall et al., 2008).

Para organizar o material formado através das entrevistas e romper com a extração e a simples ordenação e contagem dos dados, utilizei a análise da narrativa para fomentar uma investigação aprofundada e compreender os fenômenos de forma integral. Essa perspectiva afirma que as narrativas são construídas para audiências específicas em contextos históricos particulares, fundamentando-se em valores que permeiam a cultura (Kaufmann, 2013). Para Riessman (2008) é apropriada para interpretar muitos tipos de textos, orais, escritos e visuais, além de questionarem o que é dito, escrito ou mostrado visualmente. Da mesma maneira, reflete o que é experienciado pelo narrador.

Na pesquisa que desenvolvi, a análise iniciou-se a partir do amplo panorama das trajetórias pessoais e contextuais, investigando barreiras, opressões, vivências e relações sociais, culturais e econômicas em relação às carreiras das mulheres negras da localidade investigada. Ademais, baseou-se na premissa de preservar a riqueza histórica para fins interpretativos, afastando-se de explicações genéricas. Para aprofundar essa leitura adotei a perspectiva temática da análise da narrativa. Essa abordagem organiza a linguagem oral em um texto de fácil compreensão, teorizando sobre elementos temáticos comuns e integrando-os para uma compreensão mais profunda da tradição consolidada na pesquisa qualitativa (Riessman, 2008).

O foco é dedicado às histórias como um todo, conforme destacado por Wong e Breheny (2018). Para Riessman (2008) funciona como uma abordagem dialógica para os contadores de histórias e seus públicos, destacando a coconstrução de

significados e o papel do pesquisador como cocriador de histórias individuais (Esin & Squire, 2020). Assim, visa identificar, analisar e relatar padrões (temas) nos dados. Além disso, organiza e descreve detalhes sem estar vinculado a nenhuma estrutura teórica preexistente, permitindo seu uso em diferentes tipos de dados (Braun & Clarke, 2006).

É importante destacar que um tema capta algo relevante sobre os dados em relação à pergunta da pesquisa, representando algum nível de padrão ou significado dentro do conjunto de informações (Braun & Clarke, 2006; Ozturk & Berber, 2022). Ademais, auxilia na análise de eventos, realidades, significados e experiências como efeitos de uma série de discursos que operam na sociedade. Portanto, reconhece as formas pelas quais os sujeitos atribuem significados às suas experiências e como o contexto social mais amplo os influenciam, enfatizando um diálogo reflexivo contínuo (Braun & Clarke, 2006).

A importância de um tema não está necessariamente atrelada a medidas quantificáveis, mas ao fato de captar algo significativo em relação à questão principal da pesquisa. Esse tipo de análise tende a oferecer menos uma descrição abrangente e mais uma análise detalhada de aspectos específicos (Braun & Clarke, 2006). Dessa forma, após a leitura inicial das narrativas produzidas pelas entrevistas semiestruturadas, voltei minha atenção para as histórias contadas e nos possíveis conceitos associados, em vez de se preocupar exclusivamente com a busca por padrões e coerências entre textos (Zaccarelli & Godoy, 2013).

Com o propósito de facilitar essa compreensão e viabilizar uma análise ampla de diversas perspectivas, adotei como estratégia para a análise do contexto micro e macro das trajetórias expostas nas narrativas das entrevistadas através da mítica dos abebés africanos, conceito presente nas obras de Conceição Evaristo (2020). Vale

destacar que essa escolha não apenas orientou a análise das perspectivas de interesse, mas também serviu como um recurso expressivo para traçar o desenvolvimento das Escrevivências. Para tanto, iniciei as análises considerando o contexto micro da experiência individual, visando refletir sobre sistemas interligados de hierarquias, opressões e desigualdades (Bowleg, 2013), além de considerar, a capacidade de atuação e superação de barreiras a partir de experiências individuais.

Levando em consideração às perspectivas de Evaristo (2020), para esse processo, recorri ao espelho de Oxum que traz à tona a verdade oculta nos corações das pessoas. Esse orixá reina sobre as águas doces, considerada a senhora da beleza, da fertilidade, do dinheiro e da sensibilidade. Ao olhar para o seu espelho, a pessoa não poderia enganar-se ou esconder seus verdadeiros sentimentos e intenções. Esse artefato tem o poder de revelar a beleza interior, mas também as imperfeições e os aspectos sombrios. Por mito culturalmente descrito, cria-se um símbolo que reflete a capacidade de enxergar além das aparências e acessar a verdade interior das pessoas. Para a análise das narrativas das entrevistadas, permitiu observar as trajetórias que unem vida e suas trajetórias de carreiras e desvelam os perigos, opressões, supressões, barreiras e transições experienciados. Além de representar o autoconhecimento, a reflexão e a necessidade de encarar a si mesmo com sinceridade e honestidade para uma escrita vívida.

Do mesmo modo, busquei nas narrativas o espectro macro, que levam em conta fatores históricos, socioeconômicos e institucionais (Luiz & Terziev, 2022). Além disso, sublinham observações que evidenciaram as influências interligadas do racismo, sexismo, elitismo e outras formas de opressão. Ao analisar as interseções entre opressão, discriminação e cultura ao longo do tempo, foi possível destacar elementos moldam os contextos sócio-históricos em que se desdobram diversos

fenômenos sociais (Weiser & DeMartino, 2022), principalmente os localizados no contexto investigado.

Para tanto, utilizei a mítica do espelho de lemanjá que reflete, acolhe e aponta para as necessidades da coletividade. Esse orixá é associado às águas salgadas, à maternidade, à fertilidade e à proteção. Frequentemente é retratada como uma figura protetora, representando a energia feminina e a conexão com a natureza. O abebé de lemanjá, nos fortalece para compreender o outro (no caso que desenvolvi as outras mulheres e suas experiências locais, sociais, culturais, moldadas pelas intersecções entre raça, classe e gênero). Ao incorporar o coletivo revela a nossa potência. Por esse espelho somos conscientizados da capacidade de escrever histórias por muitas vozes. Aprendemos também que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de outros corpos. Atrelando, assim, a palavra e a ação a uma forma de ler produções culturais múltiplas (Evaristo, 2020).

Dessa forma, a teoria guia a análise, ao mesmo tempo favorece no desenvolver da pesquisa a compreensão de novas abordagens teóricas a partir dos dados (Zaccarelli & Godoy, 2013). Nesse contexto, sob a perspectiva do pensamento interseccional, a análise narrativa se apresenta como um instrumento crucial para capturar a complexidade das experiências das mulheres negras, contrapondo-se à desvalorização da subjetividade na pesquisa. Dessa forma, viabiliza a criação de um conhecimento emancipador que se concentra nas vivências, promovendo uma transformação positiva nos modos de produção do conhecimento (Alexander-Floyd, 2012).

Após a conclusão das análises, as narrativas foram transformadas em histórias ficcionais, não apenas para exemplificar, mas para compreender trajetórias. Através dos relatos obtidos nas narrativas, me dediquei à escrever e viver os relatos. A partir

da minha conexão com o contexto e com as histórias, que muitas vezes se esbarram na minha experiência individual e familiar, construí personagens para representar a combinação dos temas que envolvem opressões, barreiras e relações contextuais presentes nas carreiras de mulheres negras da cidade do sul de Minas Gerais. Logo, foram desenvolvidas por meio do reconhecimento da importância de se valorizar as vozes e vivências em diferentes realidades como fontes legítimas de conhecimento. Além de não negligenciar perspectivas únicas e simbólicas de cenários distintos do mainstream.

Para desenvolvê-las foi preciso reforçar o contato com o contexto, imagens, cenários e percepções afrocentradas de ambas as sujeitas: pesquisadora e pesquisada. Ademais, destaco que o mesmo posicionamento traçado em Zanola (2023) permaneceu no desenvolvimento de minha tese. Assim como Silva (2021), encaro a academia como um espaço para construir uma luta acadêmica que reforça uma práxis subversiva. Para substanciar essa visão, sintetizei os caminhos percorridos na condução das Escrevivências, visando destacar práticas, pensamentos e epistemologias fundamentais:

1. Mergulho no universo investigado: o eu, o outro e o contexto;
2. O ato de escrever: corpo, mente, fala, escuta e memória;
3. Retalhos da memória em uma colcha de sentidos: contato com a teoria.

As Escrevivências são alimentadas por uma livre-produção textual que enfatiza imagens, cenas, gestos, fragmentos textuais, pulsões, histórias, eventos, discursos e elementos que formam a construção de uma biografia. Assim, fornecem uma visão particular de relatos da realidade de uma pessoa. Tornando-se uma escrita comprometida e alimentada por experiências, que transcendem a simples coleção de fatos históricos (DUARTE, 2020). Atuam como um princípio conceitual-

metodológico que busca suportar a história dos excluídos, a partir de memórias e narrativas pessoais. São uma episteme que reflete a experiência, as perspectivas e a letra livre do agente da voz: o corpo negro (EVARISTO, 2020).

Da mesma forma, combatem as amarras da colonização, que apropriam e neutralizam vozes de diáspora. Nesse sentido, transcendem a prática e fundamentam uma ciência diferente da convencional que questiona: o que precisamos amar-refletir-configurar-entender? Que diferença isso fará? Em que contribuirá esse processo afetivo-reflexivo-configuracional? Quem se beneficiará, como e com quê? (Ocaña et al., 2018). Nesse processo, são desfeitas imagens do passado que produziram identidades subalternizadas, apáticas e sem voz, frente às dinâmicas sociais (Nunes, 2020).

Para conferir à Escrivivência um papel central na pesquisa, é preciso um mergulho no universo investigado, por meio da compreensão do local de inscrição das narrativas. Na minha prática, esse movimento foi desencadeado a partir da compreensão de vozes localizadas no contexto, alcançadas por meio das entrevistas narrativas. Ao abraçar essa abordagem, memórias foram resgatadas e histórias próximas reconhecidas. Esse movimento permitiu promover um sentido de comunidade e papéis partilhados (Ntseane, 2011) e resistir aos desafios colocados pelos padrões heteropatriarcais (ARAÚJO; MESQUITA; SILVA-REIS, 2019). Mais do que isso, devido ao caráter pessoal e simbólico favoreceu a minha inscrição nos relatos. Em cada Escrivivência, eu também estou ali, interligando a minha história com a de tantas outras mulheres. Revelar essa observação reforça que esse posicionamento não se restringe apenas a uma escrita de si (FELISBERTO et al., 2020), mas retoma um sentido coletivo (Cavalcante & Cavalcanti, 2021).

Portanto, em cada texto a minha experiência se intersecciona com a história coletiva e ancestral. Por meio de repertórios orais, corporais e hábitos, formam-se compreensões que buscam a criação, a passagem, a reprodução e a preservação das vivências (MARTINS, 2003). Além disso, estimula-se a inserção de sujeitas e sujeitos no mundo-vida através das próprias demandas, transversalmente às indagações daqueles que, por vezes, foram privados da condição de contar a sua história particular. Assim, através da escrita, das narrativas e das memórias, em constante interação com o contexto, torna-se possível refletir sobre o estado das coisas, explorando diversas possibilidades de contestação e interrogação (Evaristo, 2020).

Nesse emaranhado de símbolos, o ato de escrever surge da incessante articulação entre identidade e a voz, de relações complexas entre o eu, o outro e os entornos históricos, sociais, culturais, linguísticos, econômicos e políticos (MARTINS, 2003). Sob esse enfoque, como pesquisadora configuro-me artífice de memórias, capaz de exercer uma autonomia literária, lexical e estimular reflexões por e para nós, alinhando corpo, condição e experiência para compreender a revelação do negro, tornando, assim, as interseccionalidades um repertório inscrito em todo o texto e nas realidades expressas (Fonseca, 2020).

Para transformar retalhos da memória em uma colcha repleta de sentidos, busquei costurar narrativas produzidas por meio de operadores teóricos baseados no pensamento feminista negro interseccional. A partir do ir e vir da compreensão e construção das histórias, foi possível reforçar, de maneira simultânea, o embasamento teórico com os estudos organizacionais. Assim, foram aprofundados conhecimentos, além de fortalecer e criar novos significados para apreender os caminhos que nos tornam humanos (Gilmore et al., 2019). Permitiu também a

construção de uma escrita mais autêntica e pessoal das trajetórias de vida, valorizando as experiências individuais, contextuais e as subjetividades (Medeiros; Nolasco, 2020). Em conjunto com diversas vozes, foi possível observar o mundo e suas nuances não apenas em sua extensão, mas, principalmente, em profundidade. Dessa forma, possibilitaram a compreensão de sentidos compartilhados (Evaristo, 2020).

Ressalto que conhecer a Escrivivência, a sua abordagem no campo e colocá-la em prática atuou como estímulos à minha criatividade. Assim, ao costurar, amarrar e promover um repertório feminista, negro e interseccional, fortaleci uma escrita autônoma e autoral (Felisberto et al., 2020). Essas práticas também contribuíram para romper com padrões de simples importação, tradução e repetição de conhecimentos originados nas perspectivas anglo-saxãs (Ibarra-Colado, 2006; Sanabria et al., 2014). Estas, aguçaram na minha prática acadêmica a necessidade de uma abordagem holística, configurativa e dialética, capaz de fomentar a realização de observações coletivas nos cotidianos (Ocaña et al., 2018)

Como prevê Evaristo (2020), contar algo não é apenas uma abstração e, sim, um meio para romper a passividade da leitura e se auto inscrever. Juntamente com as mulheres envolvidas na pesquisa desenvolvida, busquei transcender a posição passiva de objeto de análise para me tornar sujeita da pesquisa. Sou a autora que escreve e incorpora uma gama diversificada de pessoas no estudo, rompendo com o paradigma de ser apenas uma figura descrita (Hooks, 2014). Escrever, assim, enraíza-se em um movimento contínuo, simbolizado pelo vai e vem, ilustrado pela costura à mão. Isso não apenas propicia a observação e reflexão, mas também encontra nessas interconexões pontos de convergência com a teoria, enquanto

também introduz no diálogo a presença de outras sujeitas com suas autenticidades (Fonseca, 2020)

Em síntese, o ato de dar forma ficcional às histórias possibilita um processo de teorização crítico-biográfica, que aborda epistemologicamente vivências plurais e identifica relações (Medeiros; Nolasco, 2020). Portanto, compreendo essa abordagem como uma forma de resistência política e cultural que fomenta vozes situadas em primeira pessoa, por meio de narrativas que desafiam a aplicação indiscriminada de perspectivas hegemônicas, apresentando novas abordagens à academia (Veiga, 2020). Nesse contexto, reflito sobre o campo, a partir do diálogo com autoras feministas negras, por meio de interseções evidenciadas nas memórias expostas em narrativas autobiográficas.

5. Caminhos e enfrentamentos: debates sobre a vivência no campo

Partindo da compreensão das nuances teóricas e epistemológicas que permeiam a prática escrevente, construo esta seção a partir do resgate das memórias, dilemas e alinhamentos que emergiram durante minha interação com o conceito para destacar posicionamentos que foram essenciais durante a minha prática. Inicialmente, destaco a importância de praticar a Escrivência com uma reflexão que abrange as subjetividades e expressões próprias das vidas negras.

No desenvolver da minha tese, esse caminho foi traçado pela observação das relações históricas que afetam a vida das mulheres negras em um espectro local e global. Assim, não foi possível ignorar o processo de escravização, as mazelas sofridas pelas comunidades negras e as tecnologias de sobrevivência desenvolvidas. Além disso, foi essencial compreender as narrativas e trajetórias de vida fundadas nesses contextos. Esses preceitos foram adotados desde o (re)conhecimento das

sujeitas de pesquisa — que abrange tanto o meu papel como pesquisadora quanto o das mulheres envolvidas no tema — até a produção das narrativas ficcionais e suas relações com as comunidades envolvidas na pesquisa.

A inserção no mundo-vida foi direcionada para teorizar e ressaltar o objetivo de resgatar um privilégio epistêmico subrepresentado na ciência ocidental, que emerge de perspectivas fundadas nas realidades marginalizadas, reconhecendo sua complexidade multivocal e heterogênea (Chadwick, 2017). Com esse embasamento, percebo que o processo de realizar a Escrivivência ocorreu de forma contínua e se alinhou à necessidade de uma abordagem axiológica que sublinha o papel crucial da ciência em não negligenciar, mas sim fortalecer as cosmovisões de pessoas subalternizadas. Isso permitiu uma compreensão mais profunda das múltiplas realidades, interligando um olhar pessoal, relacional, simbólico e cultural, profundamente enraizado nas histórias negras (Evaristo, 2020).

Para isso, em meu estudo, compreendi a importância de evitar generalizações apressadas e a imposição de conceitos, análises, técnicas e jargões que não refletem as realidades expressas nas narrativas negras. De outro modo, mantém-se um alinhamento teórico que exclui perspectivas afrocentradas, na busca desenfreada por legitimidade e coerência, destacando alinhamentos monoculturais. Sob esse enfoque, a Escrivivência trouxe para minha prática uma nova maneira de pensar as dinâmicas dos estudos organizacionais. Esse novo olhar se posiciona na encruzilhada, é dinâmico, rompe com normas preestabelecidas que tentam padronizar a forma e o processo de produção de conhecimento, impondo modos de ler, conduzir e interpretar dados que frequentemente afastam o pesquisador do contato direto com múltiplos sujeitos.

Portanto, alinho-me aos posicionamentos de Akotirene (2019) e me comprometi com o desafio político de rejeitar expectativas literárias elitistas e a escrita complexa na terceira pessoa, com o objetivo de descolonizar a prática acadêmica. Posiciono-me a partir de um olhar ancestral, negro, contextual e simbólico que fundamenta práxis que transcendem padrões preconcebidos, evitando o distanciamento de saberes. Além disso, busco reforçar uma sensibilidade interpretativa, evitando análises generalistas focadas apenas em um único eixo de observação.

Essa visão, considerada uma transgressão epistemológica e paradigmática, permitiu-me questionar e refletir sobre as conexões e possíveis deficiências nas abordagens de ensino, pesquisa e práticas que combatem o racismo, elitismo, sexismos e outras formas de opressão no campo. Desta maneira, compreende-se, que as opressões não são formadas por um único tipo fundamental, mas atuam conjuntamente na produção de injustiças (Brewer & Collins, 1992). Na prática acadêmica, essa perspectiva auxilia a investigar como as múltiplas relações sociais e as experiências individuais da vida cotidiana são moldadas pela diversidade. Em outras palavras, explora como as dinâmicas de poder impactam as interações sociais em sociedades onde diferentes sujeitos carregam experiências múltiplas (Collins, 2019).

Para promover essa dialética entre o campo, a pesquisa, os sujeitos e os pesquisadores existem inúmeras possibilidades epistemológicas que dão abertura a uma abordagem contextual ampla, com liberdade paradigmática para romper com o ideal cartesiano, essencialmente branco e cisheteropatriarcal, de conceber a ciência. Exemplos disso incluem a epistemologia pós-colonial (Spivak, 2023), crítica (Horkheimer et al., 2002), queer (Butler, 2002; Butler & Trouble, 1990), indígena (Mignolo, 2017; Quijano, 2000) e o construtivismo social (Berger & Luckmann, 2016). No entanto, na minha prática, alinhei as *Escrevivências* à ontoepistemologia do feminismo negro interseccional. Como abordagem crítica e prática integra a

consideração de sistemas interdependentes de poder que se constroem mutuamente (Collins, 2022). Ademais, leva em conta minha fundamentação como mulher negra e os meios pelos quais integro-me ao campo, favorecendo a observação das relações sobre o mundo e suas inter-relações, o que permitiu um olhar mais amplo e expansivo.

Ancoradas nessa ótica, minhas vivências, juntamente com as trajetórias de outras mulheres negras que participaram do estudo, transformaram-se em relatos simbólicos que refletem experiências marcadas por opressões e supressões (Collins, 2019b), além de conceitos, práticas e estímulos próprios de um espaço social específico. Essas narrativas permitiram que as investigações do campo se expandissem, interligando símbolos para possibilitar uma compreensão mais profunda das experiências vividas. Esse direcionamento não se apresenta apenas como uma estrutura abstrata ou uma abordagem teórica, mas como uma práxis crítica que abrange tanto os encontros e relações no campo de pesquisa quanto os espaços analíticos e representacionais (Chadwick, 2017; Collins, 2022). Em outras manifestações da Escrivência nos estudos organizacionais, como observado em Silva (2021), percebi a essência dessa abordagem ontoepistemológica interagindo com a tecitura teórica, promovendo conexões entre sujeitos e relações sociais e reconhecendo os múltiplos elementos que compõem as amplas redes que coexistem. Assim, estimula novas abordagens para o campo, que são simultaneamente artísticas e científicas, expressando subjetividades

6. Vozes tecidas: considerações finais sobre o operador teórico-metodológico

Concluindo as reflexões sobre o conceito, quero destacar a relevância da Escrivência em minha prática. Através do contato pessoal, intenso e simbólico com o campo, foi possível interpretar símbolos que facilitaram a compreensão dos

mecanismos de atuação do racismo, sexismo, capacitismo, etarismo, elitismo, entre outros aspectos. Simultaneamente, foram evidenciadas as experiências e desafios enfrentados pelas mulheres negras em suas carreias no sul de Minas Gerais, revelando seus dilemas pessoais e os fatores contextuais que moldaram suas trajetórias.

Através da prática do questionamento das estruturas institucionais, promoveu-se a diversidade na produção de conhecimento, fortalecendo um olhar crítico sobre o impacto dos desequilíbrios de poder nas investigações científicas. Dessa forma, favoreceu observações de relatos abrangentes sobre as diversas realidades dos sujeitos. As identidades e histórias foram percebidas por meio de intersecções complexas de forças sociais, ideologias e relações estruturais de poder. Esse processo não apenas reconheceu e uniu as narrativas, mas também enfatizou a importância de abordá-las de forma crítica e interseccional.

Consequentemente, implicou na escolha de teorias, conceitos, paradigmas e práticas metodológicas que facilitassem compreensões fundamentadas em perspectivas de diáspora, como por exemplo, as afrocentradas. Assim, tornou-se imperativo considerar cuidadosamente as premissas associadas à vivência acadêmica e à produção do conhecimento, antes de alinhar as abordagens. Por exemplo, lentes teóricas que se restringiam a relatar apenas desenvolvimento, limitações, premissas unilaterais, mecânicas e quantitativas, foram evitadas. Tais abordagens refletiam um domínio linear, discreto e tradicionalmente cisheteropatriarcal.

Em contrapartida, a abordagem dialética do conhecimento, possibilitou o rompimento do papel tradicional de pesquisadora entrevistadora, tornando-me parte das narrativas inscritas. Incentivando, portanto, diálogos alternativos que formaram

observações coletivas das práticas cotidianas, integrando o micro e macro, os abébes de Oxum e Iemanjá (Evaristo, 2020), assim como o pessoal e o coletivo. Guiada pelo arcabouço teórico (Akotirene, 2019; Carneiro, 2015; Collins, 2022; Evaristo, 2020; hooks, 2014) a proposta reuniu contextos, vivências e trajetórias de vida, superando perspectivas unilaterais. Nesse sentido, foram destacadas questões de gênero, raça, classe, entre outros aspectos, a partir da promoção de um arcabouço conceitual, paradigmático e metodológico próprio. Essa abordagem permitiu observar as intersecções de maneira profunda e contextualizada para os estudos do campo.

Nesse arcabouço a Escrivência de Evaristo (2020), proporcionou uma análise aprofundada sobre a complexa interação desses marcadores sociais da diferença. Delineou também as práticas performativas que impactaram as formas de se posicionar e construir realidades por meio de significados compartilhados. Refletindo também articulações presentes nas narrativas construídas pelos sujeitos e suas histórias de vida. Ademais, resgatou as experiências de grupos historicamente marginalizados, representando-as por meio da escrita.

Portanto, este conceito, fundamental na literatura afro-brasileira, proporcionou às mulheres negras parte do estudo a capacidade de expressar suas vivências e compartilhar histórias frequentemente silenciadas (Zanola, 2023). Assim, os resultados alcançados delinearão além de respostas a objetivos científicos, mas um projeto de conhecimento resistente, que buscou destacar dimensões conceituais e críticas para confrontar as desigualdades sociais na interseção de sistemas de poder, enfrentando os desafios apresentados, tanto na prática quanto no cenário acadêmico (Collins, 2022). Da mesma forma, ampliou o reconhecimento e a teorização de problemas sociais por meio de heurísticas que geraram novas formas de investigação sobre opressões (Collins, 2022).

Por fim, essa abordagem permitiu alinhar à necessidade primordial do pensamento interseccional em busca de justiça social (Collins, 2022). Este propósito esteve conectado à luta contra a marginalização do pensamento de sujeitos frequentemente silenciados, que raramente tiveram a oportunidade de expressar suas necessidades e foram, por vezes, tratados como objetos nas interações científicas mais abrangentes (hooks, 2014). Ao entrelaçar minha voz (feminista negra) com as narrativas de diversas mulheres (especialmente aquelas que são mulheres negras e feministas negras), tanto na construção teórico-metodológica quanto nas narrativas destacadas, foram perpetuadas reflexividades e consciências sobre as dinâmicas de poder presentes.

Desse modo, o desenho metodológico proposto, elevou meios para combater a exclusão epistêmica histórica do conhecimento e das vivências das mulheres negras na pesquisa acadêmica. Ademais, fortaleceu a importância das narrativas pessoais, da memória e da arte de contar histórias. Ao explorar as realidades das carreiras no contexto de Minas Gerais, esse processo permitiu que as narrativas se transformassem em práxis. Assim, fundamentou-se uma plataforma crítica, para a expressão autêntica das experiências vividas, destacando especialmente as protagonistas de opressões e suas práticas, que promovem alterações no sistema cisheteropatriarcal.

Ao destacar as intersecções de raça, gênero e classe, e ao abordar a complexidade das trajetórias de carreira de mulheres negras, sublinhou-se a importância de uma análise crítica e contextualizada dos fenômenos sociais. Através desse enfoque, reafirmei o compromisso com uma ciência comprometida com a justiça social e a equidade, promovendo uma academia mais inclusiva e consciente das diversidades que a constituem.

Assim, este trabalho não só contribuiu para o campo dos estudos organizacionais, mas também para a construção de uma sociedade mais justa e plural, onde todas as vozes possam ser ouvidas e valorizadas. Para futuras pesquisas, sugiro explorar as experiências de outros grupos marginalizados, como as comunidades LGBTQIA+ e pessoas com deficiência, aplicando metodologias interseccionais. Além disso, seria valioso investigar as interações entre políticas públicas e trajetórias de carreira de mulheres negras em diferentes contextos geográficos e culturais, ampliando a compreensão sobre como as desigualdades estruturais impactam de forma diversa as realidades sociais e profissionais, a partir das Escrevivências.

REFERÊNCIAS

- Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade* (Pólen Produção Editorial LTDA (ed.)).
- Alexander-Floyd, N. G. (2012). Disappearing acts: Reclaiming intersectionality in the social sciences in a post—Black feminist era. *Feminist Formations*, 1–25.
- Araújo, C. de G. S., de Mesquita Silva, L., & Silva-Reis, D. (2019). Translation studies & black women in the light of feminism. *Revista Ártemis*, 27(1), 14.
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2015). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*.
- Berger, P., & Luckmann, T. (2016). The social construction of reality. In *Social theory re-wired* (pp. 110–122). Routledge.
- Bluhm, D. J., Harman, W., Lee, T. W., & Mitchell, T. R. (2011). Qualitative research in management: A decade of progress. *Journal of Management Studies*, 48(8), 1866–1891.
- Bowleg, L. (2013). “Once you’ve blended the cake, you can’t take the parts back to the main ingredients”: Black gay and bisexual men’s descriptions and experiences of

intersectionality. *Sex Roles*, 68(11–12), 754–767.

Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101.

Brewer, R. M., & Collins, P. H. (1992). Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment. In Routledge (Ed.), *Contemporary Sociology* (Vol. 21, Issue 1). <https://doi.org/10.2307/2074808>

Butler, J. (2002). *Gender trouble*. routledge.

Butler, J., & Trouble, G. (1990). Feminism and the Subversion of Identity. *Gender Trouble*, 3(1), 3–17.

Carneiro, S. (2003). Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Racismos Contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora*, 49, 49–58.

Carneiro, S. (2015). *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. Selo Negro.

Cavalcante, I. F., & Cavalcanti, N. C. S. B. (2021). ESCREVIVENDO: EXPERIÊNCIAS DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA, TÉCNICA E TECNOLÓGICA REPRESENTADAS EM MEMORIAIS DE PROMOÇÃO PARA A CARREIRA DE TITULAR. *Humanidades & Inovação*, 8(53), 87–102.

Chadwick, R. (2017). Thinking intersectionally with/through narrative methodologies. *Agenda*, 31(1), 5–16.

Collins, P. H. (2019). *Intersectionality as critical social theory*. Duke University Press.

Collins, P. H. (2022). *Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica*. Boitempo Editorial.

de Medeiros, P. H. A., & Nolasco, E. C. (2020). MIL ROSAS HOMO-BIO-FICCIONAIS: A EXTERIORIDADE EM SILVIANO SANTIAGO. *Fólio-Revista de Letras*, 12(1).

- DUARTE, E. de A. (2020). Escrivivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiaspórica. *Escrivivência: A Escrita de Nós—Reflexões Sobre a Obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte.
- Errante, A. (2000). Mas afinal, a memória é de quem?: Histórias orais e modos de lembrar e contar. *História Da Educação*, 4(8), 141–174.
- Esin, C., & Squire, C. (2020). Narrative Relations and Associations: Catherine Kohler Riessman's Research Dialogism. *Narrative Works*, 10, 107–116.
- Evaristo, C. (2020). A escrivivência e seus subtextos. *Escrivivência: A Escrita de Nós: Reflexões Sobre a Obra de Conceição Evaristo*, 26–47.
- Faems, D., Filatotchev, I., Harley, B., & Siegel, D. (2016). The distinctive identity of the Journal of Management Studies. *Journal of Management Studies*, 53(7), 1109–1112.
- Felisberto, F., DUARTE, C. L., NUNES, I. R., & Goya, L. (2020). Escrivivência como rota de escrita acadêmica. In *Escrivivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (pp. 164–181). Mina Comunicação e Arte Rio de Janeiro.
- Figueiredo, A. (2020). Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. *Revista Tempo e Argumento*, 12(29), 1–24.
- Fonseca, M. N. S. (2020). Escrivivência: sentidos em construção. *Escrivivência: A Escrita de Nós. Reflexões Sobre a Obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 58–73.
- Freitag, R. M. K. (2018). Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniência? *Revista de Estudos Da Linguagem*, 26(2), 667–686.
- Gilmore, S., Harding, N., Helin, J., & Pullen, A. (2019). Writing differently. In *Management Learning* (Vol. 50, Issue 1, pp. 3–10). SAGE Publications Sage UK:

London, England.

Guimarães Reynaldo, R., Pope, K., Borba, J., Sieber, S., & Bonatti, M. (2023).

Women of the revolution and a politics of care: A gendered intersectional approach on an initiative to address socioenvironmental problems in a marginalized community in southern Brazil. *Gender, Work & Organization*, 30(6), 2130–2154.

Harley, B., & Faems, D. (2017). Theoretical progress in management studies and the role of qualitative research. *Journal of Management Studies*, 54(3), 366–367.

hooks, bell. (2014). Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo. *Plataforma Gueto*.

Hooks, B. (2014). *Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black*.

Horkheimer, M., Adorno, T. W., & Noeri, G. (2002). *Dialectic of enlightenment*. Stanford University Press.

Ibarra-Colado, E. (2006). Organization studies and epistemic coloniality in Latin America: thinking otherness from the margins. *Organization*, 13(4), 463–488.

Kaufmann, J.-C. (2013). *A entrevista compreensiva - Um guia para pesquisa de campo* (Editora Vozes Limitada (ed.)).

<https://books.google.com/books?id=SOUbBAAQBAJ&pgis=1>

Kendall, C., Kerr, L. R. F. S., Gondim, R. C., Werneck, G. L., Macena, R. H. M., Pontes, M. K., Johnston, L. G., Sabin, K., & McFarland, W. (2008). An empirical comparison of respondent-driven sampling, time location sampling, and snowball sampling for behavioral surveillance in men who have sex with men, Fortaleza, Brazil. *AIDS and Behavior*, 12, 97–104.

Longino, H. E. (2017). Feminist epistemology. *The Blackwell Guide to Epistemology*, 325–353.

Luiz, J. M., & Terziev, V. (2022). Axes and fluidity of oppression in the workplace:

- Intersectionality of race, gender, and sexuality. *Organization*, 13505084221098252.
- Martins, L. (2003). Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras*, 26, 63–81.
- Martins, L. M. (2000). A oralitura da memória. *Brasil Afro-Brasileiro*, 2, 63–86.
- McCall, L. (2005). The complexity of intersectionality. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 30(3), 1771–1800.
- Mehrotra, G. (2010). Toward a continuum of intersectionality theorizing for feminist social work scholarship. *Affilia*, 25(4), 417–430.
- Mignolo, W. D. (2017). Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 32.
- Minayo, M. C. de S. (1989). *O desafio do conhecimento: metodologia de pesquisa social (qualitativa) em saúde*.
- Muzanenhano, P., & Chowdhury, R. (2023). Epistemic injustice and hegemonic ordeal in management and organization studies: Advancing Black scholarship. *Human Relations*, 76(1), 3–26.
- Ntseane, P. G. (2011). Culturally sensitive transformational learning: Incorporating the Afrocentric paradigm and African feminism. *Adult Education Quarterly*, 61(4), 307–323.
- Nunes, I. R. (2020). Sobre o que nos move, sobre a vida. *DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. Escrivivência: A Escrita de Nós—Reflexões Sobre a Obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte*, 10–24.
- Ocaña, A. O., López, M. I. A., & Conedo, Z. P. (2018). Metodología 'otra' en la investigación social, humana y educativa. El hacer decolonial como proceso decolonizante. *Revista FAIA-Filosofía Afro-Indo-Abiyalense*, 7(30), 172–200.
- Ozturk, M. B., & Berber, A. (2022). Racialised professionals' experiences of selective

- incivility in organisations: A multi-level analysis of subtle racism. *Human Relations*, 75(2), 213–239.
- Quijano, A. (2000). *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina* (Vol. 13). clacso Buenos Aires.
- Riessman, C. K., & Quinney, L. (2005). Narrative in social work: A critical review. *Qualitative Social Work*, 4(4), 391–412.
- Sanabria, M., Saavedra, J. J., & Smida, A. (2014). *Los estudios organizacionales: Fundamentos evolución y estado actual del campo*. Editorial Universidad del Rosario.
- Sayre, N. F. (2004). The need for qualitative research to understand ranch management. *Journal of Range Management*, 57(6), 668–674.
- Spivak, G. C. (2023). Can the subaltern speak? In *Imperialism* (pp. 171–219). Routledge.
- Veiga, A. M. (2020). Uma virada epistêmica feminista (negra): conceitos e debates. *Revista Tempo e Argumento*, 12(29).
- Von Kohorn, I., Nguyen, S. N., Schulman-Green, D., & Colson, E. R. (2012). A qualitative study of postpartum mothers' intention to smoke. *Birth*, 39(1), 65–69.
- Weiser, G., & DeMartino, L. (2022). “We’re not going back to what was before, and we don’t know what the future will look like either”: Exploring the Voices and Images of Educational Administrators in Crisis. *Transformative Dialogues: Teaching and Learning Journal*, 15(2).
- Wong, G., & Breheny, M. (2018). Narrative analysis in health psychology: A guide for analysis. *Health Psychology and Behavioral Medicine*, 6(1), 245–261.
- Zaccarelli, L. M., & Godoy, A. S. (2013). “Deixa eu te contar uma coisa...”: Possibilidades do uso de narrativas e sua análise nas pesquisas em organizações.

Revista Gestão Organizacional, 6(3).

Zanola, F. de A. (2023). Escrivivência: The Exhausting Process of Being an Outsider within a Postgraduate Administration Program. *Revista de Administração Contemporânea*, 27, e220354.